

Para a minha irmã Lisa,
com amor e gratidão

Tenho um pacto comigo mesma de não pensar em dinheiro de manhã. Sou como uma adolescente a tentar não pensar em sexo. Mas também estou a tentar não pensar em sexo. Nem em Luke. Nem na morte. O que significa não pensar na minha mãe, que morreu quando estava de férias, no inverno passado. Há tantas coisas em que não posso pensar de maneira a conseguir escrever.

Adam, o meu senhorio, observa-me a passear o cão dele. Enquanto regresso ao caminho de acesso à casa dele, está encostado ao seu *Mercedes* com um fato e sapatos bem engraxados. Ele é carente de manhã. Suponho que toda a gente seja. Ele aprecia o contraste que faz comigo, que estou de fato de treino e com o cabelo por arranjar.

Quando o cão e eu já estamos perto, diz:

— Acordaste cedo.

Acordo sempre cedo.

— Também tu.

— Vou encontrar-me com o juiz no tribunal às sete em ponto.

Admira-me. Admira-me. Admira o *juiz* e o *tribunal* e o *às sete em ponto*.

— Alguém tem de o fazer. — Não gosto de mim quando estou ao pé de Adam. Acho que ele não quer que goste. Deixo o cão puxar-me alguns passos para além dele em direção a um esquilo que se está a esgueirar por entre umas ripas ao lado da sua enorme casa.

— Então — diz ele sem vontade de me deixar afastar para demasiado longe —, como é que vai o *romance*? — Di-lo como se tivesse sido eu a inventar a palavra. Continua encostado ao carro, apenas com a cabeça virada na minha direção, como se gostasse demasiado da sua pose para a desfazer.

— Está a correr bem. — As abelhas agitam-se no meu peito. O formigueiro desce-me pelo braço. Uma conversa é capaz de destruir a minha manhã toda. — Tenho de voltar a ele. Dia curto. Vou fazer dois turnos.

Puxo o cão de Adam pelo alpendre das traseiras, tiro-lhe a trela, empurro-o através da porta e volto a descer rapidamente os degraus.

— Quantas páginas é que já tens?

— Umas duzentas, talvez. — Não abrando. Já estou a meio caminho do meu quarto, que fica ao lado da garagem dele.

— Sabes — diz ele enquanto sai do carro à espera que lhe dê toda a atenção —, acho simplesmente extraordinário que penses que tens alguma coisa para dizer.

Sento-me à secretária e olho para as frases que escrevi antes de ir passear o cão. Não me lembro delas. Não me lembro de as escrever. Estou tão cansada. Olho para os números verdes no despertador. Faltam menos de três horas para ter de me vestir para o meu turno do almoço.

Adam andou na faculdade com o meu irmão mais velho, Caleb — na verdade, acho que Caleb estava ligeiramente apaixonado por ele naquela altura —, e é por isso que é brando comigo na questão da renda. Baixa-a um pouco mais porque lhe passeio o cão de manhã. O quarto já foi um barracão de olaria e ainda cheira a lama e a folhas podres. O espaço dá à justa para um colchão de solteiro, uma secretária e uma cadeira, e para um bico de fogão elétrico e um miniforno que estão na casa de banho. Volto a pôr a chaleira ao lume para fazer mais uma chávena de chá preto.

Não escrevo por pensar que tenho alguma coisa para dizer. Escrevo porque, se não o fizer, tudo parece ainda pior.

Às nove e meia, levanto-me da cadeira e esfrego as manchas de lombo e amoras na camisa branca plissada, passo-a a ferro sobre a secretária, ponha-a num cabide e enfio o gancho do cabide na alça do topo da minha mochila. Visto as calças pretas de trabalho e a *T-shirt*, faço um rabo-de-cavalo e ponho a mochila às costas.

Saio de costas da garagem com a minha bicicleta. Quase não cabe por causa de toda a tralha que Adam tem aqui: carrinhos de bebé

velhos, cadeiras de bebé, cadeiras insufláveis, colchões, escrivaninhas, esquis, *skates*, cadeiras de praia, tochas *tiki* e matraquilhos. A carrinha vermelha da ex-mulher ocupa o resto do espaço. Ela deixou-a para trás juntamente com tudo o resto, exceto os filhos, quando se mudou para o Havai no ano passado.

— Um carro ótimo desperdiçado assim — disse a senhora da limpeza um dia, enquanto procurava uma mangueira. Ela chama-se Oli, é de Trindade e guarda coisas como os medidores de detergente da roupa que vêm com as embalagens para mandar para casa. A garagem enlouquece Oli.

Desço pela Carlton Street, passo um vermelho na Beacon e sigo para a Comm. Ave¹. O trânsito passa veloz. Deslizo para a frente, saindo do assento da bicicleta, e espero com um grupo cada vez maior de estudantes que o semáforo mude. Alguns deles admiram a minha bicicleta. É uma velha pasteleira que encontrei numa lixeira em Rhode Island em maio. Luke e eu arranjámo-la, pusemos uma corrente nova, lubrificada, apertámos os cabos dos travões e içámos o eixo do selim ferrugento até ficar à minha altura. A alavanca das velocidades está incorporada na barra transversal, o que faz com que pareça mais potente do que é, como se houvesse um motor secreto algures. Gosto da sensação de que parece uma mota, com o guiador vertical elevado, o assento longo e acolchoado e a barra alta atrás onde me encosto enquanto ando. Não tive uma pasteleira quando era miúda, mas a minha melhor amiga tinha e costumávamos trocar de bicicleta durante dias. Estes estudantes da BU² são demasiado jovens para terem andado em pasteiras. É estranho já não ser o tipo de adulta mais jovem. Tenho trinta e um anos e a minha mãe está morta.

O semáforo muda e eu volto a sentar-me, atravesso as seis faixas da Comm. Ave. e acelero pela BU Bridge em direção à margem de Cambridge do Charles River. Por vezes, não chego à ponte antes de me desfazer. Às vezes começa na ponte. Mas hoje estou bem. Hoje estou a aguentar-me. Deslizo para o passeio do lado da água da Memorial Drive. Estamos no pino do verão e o rio parece cansado. Ao longo das

¹ Commonwealth Avenue, em Cambridge, Massachusetts. (*N. da T.*)

² Boston University. (*N. da T.*)

suas margens, uma espuma densa branca empurra os juncos. Parece-se com a gosma esbranquiçada que se acumulava nos cantos da boca da mãe de Paco no final de um longo dia de queixas incessantes na cozinha. Ao menos já não moro lá. Até o barracão de olaria de Adam é melhor do que aquele apartamento nos arredores de Barcelona. Atravesso a River Street e a Western Ave. e desvio-me do betão para o caminho de terra batida que passa junto à margem do rio. Estou bem. Continuo bem, até ver os gansos. Estão no lugar deles, perto da base da ponte pedonal, uns vinte ou trinta, agitados, a torcerem o pescoço e a enfiarem o bico nas suas penas ou nas dos outros, ou nos poucos tufo de erva que restam na terra. Os barulhos que fazem tornam-se mais altos à medida que me aproximo, grunhidos, murmúrios e grasnidos indignados. Estão habituados a interrupções no seu caminho e movem-se o menos possível para saírem da minha frente, alguns fingem morder-me os tornozelos enquanto pedalo, outros deixam que as penas do rabo passem pelos raios das rodas da bicicleta. Só os histéricos fogem para a água, gritando como se estivessem a ser atacados.

Adoro estes gansos. Fazem-me apertar e encher o peito e ajudam-me a acreditar que as coisas vão voltar a ficar bem, que vou ultrapassar este momento como ultrapassei outros, que o vasto e ameaçador espaço em branco à minha frente é um mero espetro, que a vida é mais leve e mais divertida do que julgo. Mas logo a seguir a esse sentimento, a essa suspeita de que nem tudo está perdido, vem a vontade de dizer à minha mãe, de lhe dizer que hoje estou bem, que senti qualquer coisa próxima da felicidade, que talvez ainda seja capaz de me sentir feliz. Ela vai querer saber isso. Mas não lhe posso dizer. É a parede contra a qual esbarro sempre numa manhã boa como esta. A minha mãe vai preocupar-se comigo e eu não lhe posso dizer que estou bem.

Os gansos não se importam que esteja a chorar outra vez. Estão habituados. Como que gargalham, gritam e encobrem os sons que eu faço. Uma corredora aproxima-se e desvia-se do caminho, pressentindo que não a vejo. Os gansos dispersam-se junto à casa grande dos barcos. Viro à direita na Larz Anderson, subo a JFK em direção a Harvard Square. Aquele passeio é uma espécie de purga, e normalmente dura-me algumas horas.



O Iris fica no terceiro andar de um prédio que pertence a um clube social de Harvard, que começara a arrendar o espaço uma década antes de modo a pagar quase cem mil dólares de impostos em atraso. Não há muitos estudantes por aqui no verão e eles têm uma entrada diferente do outro lado da enorme mansão de tijolo, mas eu ouço alguns a ensaiar, de vez em quando. Têm o seu próprio teatro, onde encenam peças em que os homens se vestem de mulher, e o seu próprio grupo *a cappella*, cujos membros entram e saem do edifício de *smoking*, dia e noite.

Prendo a bicicleta ao poste de um sinal de estacionamento, subo os degraus de granito e abro a porta grande. Tony, um dos empregados-chefes, já está a meio do primeiro lanço com a roupa vinda da limpeza a seco pendurada no braço. Ele fica com todos os turnos bons, por isso pode dar-se ao luxo de mandar limpar a farda a profissionais. É uma grande escadaria, coberta por uma tapete gordurosa manchada de cerveja que em tempos deve ter sido de um carmesim luxuoso. Deixo Tony chegar ao cimo e dou a volta ao conjunto seguinte de degraus antes de começar a subir. Passo pelos retratos dos presidentes que foram membros do clube: Adams, Adams, Roosevelt, Roosevelt e Kennedy. O segundo andar é mais estreito. Tony move-se lentamente, ainda só vai a meio caminho. Abrandei ainda mais. A luz do cimo das escadas desaparece. Gory vem a descer.

— Tony, amigo — grita ele —, como é que vai isso?

— Tudo firme e hirtto, como uma barra de ferro.

Gory ri-se. A escadaria treme à medida que ele vem na minha direção.

— Estás atrasada, miúda.

Não estou. Isto é o que ele diz às mulheres em vez de as cumprimentar. Acho que ele não sabe o meu nome.

Sinto o degrau onde estou a afundar quando ele passa por mim.

— Noite atarefada. Cento e oitenta e oito marcações — diz ele por cima do ombro. Será que ele pensa que já é de tarde? — E quem está de reserva acaba de ligar a dizer que está doente.

Quem está de reserva é Harry, o meu único amigo no Iris. Ele não está doente. Está a caminho de Provincetown com o novo copeiro.

— Põe o teu ferro comprido — diz ele.

— Nunca saio de casa sem ele — respondo.

Sabe-se lá como, durante a minha entrevista, ele conseguiu arrançar-me a parte do golfe. Parece que ele joga *croquet*. Não em festas de jardim, mas profissionalmente, em competições. Supostamente, é um dos melhores jogadores de *croquet* do país. Abriu o Iris depois de uma grande vitória.

Abaixo de mim, ele funga alto três vezes, recolhe o ranho, engole-o, suspira e sai para a rua com todo o dinheiro da noite passada numa bolsa com a inscrição *Cambridge Savings Bank* em letras grandes. Alguém lhe colou nas costas um *post-it* que diz: «Assalta-me».

— A cabra da Casey Kasem — diz Dana quando chego ao cimo das escadas. — Ainda ninguém te despediu? — Ela está debruçada no palanque de chefe de sala de Fabiana, a tratar da distribuição das mesas. Mal se consegue ler e será garantidamente injusta.

Atravesso o corredor em direção à casa de banho, visto a camisa branca e prendo o cabelo no coque alto exigido. Faz-me doer a cabeça. Quando volto, Dana e Tony estão a mudar mesas de sítio, pondo os grupos grandes nas secções deles de modo a garantir os serviços grandes, os habituais, os investidores do restaurante que não pagam, mas que deixam gorjetas astronómicas. Não sei se eles são amigos fora dali, mas fazem todos os turnos juntos como um duo de patinadores maléficos, combinando juntos mais um ato cobarde, exibindo-se depois pela sala quando a coisa lhes corre bem.

Definitivamente, não são amantes. Dana não gosta de ser tocada — praticamente partiu o braço do novo copeiro quando disse que tinha uma câibra e ele estendeu a mão para lhe massajar o pescoço com o polegar — e Tony nunca para de falar da namorada, apesar de pôr as mãos em cima de todos os empregados masculinos durante todos os turnos. Eles têm Gory e Marcus, o gerente, completamente apanhados ou, pelo menos, comprometidos. Harry e eu suspeitamos que são as drogas que chegam através do irmão de Tony, um traficante que entra e sai da prisão e de quem Tony só fala quando está bêbedo, exigindo votos de silêncio como se nunca nos tivesse contado antes. Chamamos

a Dana e a Tony as Irmãs Retorcidas e tentamos manter-nos fora do caminho deles.

— Acabaste de tirar duas mesas da minha secção — diz Yasmin.

— Temos duas mesas de oito — responde Tony.

— Então usa a porra das tuas mesas. Estas são minhas, otário.

— Yasmin nasceu na Eritreia e foi criada em Delaware, mas leu uma data de livros de Martin Amis e Roddy Doyle. Infelizmente, não tem a mínima hipótese contra a Irmã Retorcida.

Antes de eu conseguir apoiar Yasmin, Dana aponta um dedo para mim.

— Vai buscar as flores, Casey Kasem.

Ela e Tony são os empregados-chefes. Tens de fazer o que eles mandam.

O almoço é a hora dos amadores. O almoço é para as novas contratações e para os velhos cavalos de batalha que fazem turnos duplos, trabalhando tantas horas quantas a gerência lhes permitir. Sirvo às mesas desde os dezoito, pelo que passei de nova contratação a cavalo de batalha em seis semanas. O dinheiro que se faz ao almoço é uma porcaria quando comparado com o dos jantares, a não ser que apanhes um grupo de advogados ou de idiotas da biotecnologia a comemorar alguma coisa com rodadas de *Martinis* que lhes fazem saltar notas das carteiras. A sala de jantar está cheia de luz do sol, que não parece natural e altera todas as cores. Prefiro o crepúsculo e as janelas a escurecerem lentamente, a luz laranja suave dos candeeiros dourados que disfarça as manchas de gordura nas toalhas de mesa e as manchas de cálcio que podem ter-nos escapado nos copos de vinho. Ao almoço, semicerramos os olhos com a luz azulada do dia. Os clientes pedem café assim que se sentam. Até se consegue ouvir a música que Mia, a empregada do bar, está a passar. Normalmente é Dave Matthews. Mia é obcecada pelo Dave Matthews. Gory está muitas vezes sóbrio e Marcus está calmo, a fazer o que quer que seja que ele faz no seu escritório e a deixar-nos em paz. Ao almoço, tudo é invertido.

Mas é rápido. Sou apanhada por três mesas de dois e uma de cinco antes de o relógio em Harvard Yard bater o meio-dia. Não há tempo para pensar. Somos como uma bola de ténis que é batida da frente da casa para as traseiras, vezes sem conta, até que as mesas se esvaziam

e tudo acaba e estamos sentados à frente de uma calculadora a somar as gratificações do cartão de crédito e a dar gorjetas ao empregado de bar e aos empregados de mesa. A porta está novamente trancada, Mia está a passar *Crash Into Me* a altos berros e, depois de todas as mesas estarem arrumadas, os copos polidos e os talheres alinhados para o almoço de amanhã, tens uma hora na Praça antes de voltares a entrar para o jantar.

Vou ao meu balcão do banco perto da Coop. Há fila. Só um caixa. A placa de latão diz LINCOLN LUGG. Os meus meios-irmãos chamavam «Poios Lincoln³» ao cocó. O mais novo costumava levar-me à casa de banho para me mostrar o comprimento que conseguia fazer. Às vezes íamos todos lá para ver. Se alguma vez for a um terapeuta para falar da minha infância e o terapeuta me pedir para recordar um momento feliz com o meu pai e Ann, falarei de quando nos juntávamos todos para olhar para um dos «Poios Lincoln» anormalmente grandes de Charlie.

Lincoln Lugg não aprecia a minha expressão de divertimento quando me aproximo do balcão. Algumas pessoas são assim. Julgam que o divertimento dos outros deve acontecer às suas custas.

Ponho o meu maço de notas à frente dele. Ele também não gosta disso. Era de esperar que os caixas ficassem contentes por nós, sobretudo depois de passarmos para os turnos do jantar e para os duplos e de termos 661 dólares para depositar na conta.

— Pode usar as caixas multibanco para fazer depósitos, sabe? — diz ele, enquanto segura no dinheiro com as pontas dos dedos. Será que ele não gosta de mexer em dinheiro? Quem é que não gosta de mexer em dinheiro?

— Eu sei, mas é dinheiro e eu só...

— Ninguém vai roubar o dinheiro quando ele estiver dentro da máquina.

— Só quero garantir que vai para a minha conta e não para a de outra pessoa qualquer.

³ No original, «Lincoln Logs» é parecido, em termos de sonoridade, com Lincoln Lugg, o nome do banco. Em inglês, *log* é um dos termos usados para designar dejetos fecais, daí a alusão que é feita nesta situação. (*N. da T.*)

— Temos um protocolo sistematizado e estritamente regulado. E está tudo registado em vídeo. Isto, o que está a fazer aqui, é muito menos seguro.

— Só estou feliz por depositar este dinheiro. Por favor, não me estrague a festa. Este dinheiro nem sequer vai ter tempo de pousar antes de ser sugado pelos tubarões dos empréstimos federais, por isso, deixe-me só saborear isto, *okay*?

Lincoln Lugg está a murmurar a contagem do meu dinheiro e não responde.

Estou endividada. Estou tão endividada que, mesmo que Marcus me desse todos os turnos de almoço e jantar que tem, não conseguiria deixar de estar. Os meus empréstimos para a faculdade e para a pós-graduação entraram todos em incumprimento quando estava em Espanha e, quando voltei, soube que as penalizações, taxas e custos de cobrança tinham quase duplicado o montante original que devia. Tudo o que posso fazer agora é gerir a situação, pagar os mínimos até... — e é aqui que reside o problema — até o quê? Até quando? Não há resposta. Isso faz parte da minha palidez iminente.

Depois do meu encontro com Lincoln Lugg, choro sentada num banco à entrada da igreja Unitarian. Faço-o com alguma discrição, sem ruído, mas já não consigo evitar que as lágrimas me escorram pela cara quando a vontade surge. Dirijo-me à Salvatore's Foreign Books, na Mount Auburn Street. Trabalhei lá há seis anos, em 1991. Depois de Paris e antes da Pensilvânia e Albuquerque e Oregon e Espanha e Rhode Island. Antes de Luke. Antes de a minha mãe ter ido para o Chile com quatro amigos e ter sido a única que não regressou.

A livraria parece diferente. Mais limpa. As pilhas foram reorganizadas e colocaram a caixa registadora no lugar das Línguas Antigas, mas está tudo igual nas traseiras, onde eu e Maria costumávamos estar. Fui contratada como assistente de Maria em literatura francesa. Eu acabara de me mudar de França nesse outono e tinha a ideia de que, apesar de Maria ser americana, estaríamos sempre a falar francês, a falar de Proust, Céline e Duras, que era tão popular na altura, mas em vez disso, falávamos em inglês, sobretudo sobre sexo, o que, suponho, era uma espécie de francês. Tudo o que recordo agora, dos oito meses

de conversas com ela, é de um sonho que teve com a Kitty, a sua gata, a fazer-lhe sexo oral. A sua língua áspera sabia tão bem, dizia ela, mas a gata distraía-se sempre. Lambia um pouco e depois passava para a pata, e Maria acordava a gritar:

— Concentra-te, Kitty, concentra-te!

Mas Maria não está nas traseiras. Nenhum deles está, nem sequer Manfred, o alemão de Leste cínico que se enfurecia quando as pessoas lhe perguntavam por Günter Grass, porque Günter Grass fora um opositor feroz da reunificação. Fomos todos substituídos por miúdos: um rapaz com um boné de beisebol e uma rapariga com cabelo pela anca. Porque é sexta-feira às três da tarde, estão a beber cervejas *Heineken*, tal como nós fazíamos.

Gabriel sai do armazém com outra rodada. Tem o mesmo aspeto: caracóis prateados, tronco demasiado comprido para as pernas. Tive uma paixoneta por ele. Era tão inteligente, adorava os seus livros, falava com todos os editores estrangeiros ao telefone na sua própria língua. Tinha um humor negro e seco. Está a distribuir as garrafas. Diz qualquer coisa baixinho e todos se riem. A rapariga com o cabelo comprido olha para ele como eu costumava olhar.

Não estava falida quando trabalhei na Salvatore's. Ou, pelo menos, achava que não estava. As minhas dívidas eram muito mais pequenas e a Sallie Mae e a EdFund e a Collection Technology e o Citibank e o Chase ainda não me chateavam. Subarrendei um quarto numa casa na Chauncy Street com amigos, oitenta dólares por mês. Estávamos todos a tentar ser escritores, com empregos que nos permitiam sobreviver. Nia e Abby estavam a trabalhar em romances, eu estava a escrever histórias e Russell era poeta. De todos nós, eu teria apostado que Russell seria o que se aguentaria mais tempo. Rígido e disciplinado, levantava-se todos os dias às quatro e meia da manhã, escrevia até às sete e corria oito quilómetros antes de ir trabalhar para a Biblioteca Widener. Mas foi o primeiro a render-se e a ir para a faculdade de Direito. Agora é advogado fiscal em Tampa. Abby foi a segunda. A tia convenceu-a a fazer um exame para agente imobiliária, só por brincadeira. Mais tarde, tentou dizer-me que continuava a usar a imaginação quando percorria as casas e inventava uma nova vida para os seus clientes. Vi-a

no mês passado à porta de uma casa enorme com colunas brancas, em Brookline. Estava inclinada para a janela do condutor de um SUV preto na entrada da garagem e acenava profusamente com a cabeça. Nia conheceu um académico da Milton⁴ que tinha uma postura excelente e um fundo fiduciário, que lhe devolveu o romance dela depois de ler quinze páginas, dizendo que as narrativas femininas na primeira pessoa o irritavam. Ela deitou-o para o lixo, casou com ele e mudou-se para Houston quando ele arranjou um emprego na Rice⁵.

Eu não entendia. Não entendia nenhum deles, naquela altura. Um por um, todos desistiram, mudaram-se e foram substituídos por engenheiros do MIT. Um tipo de rabo-de-cavalo e sotaque espanhol entrou na Salvatore's à procura do *Sur Racine*, de Barthes. Falámos em francês. Ele disse que odiava inglês. O francês dele era melhor do que o meu — o pai era de Argel. Ele fez um estufado de peixe catalão para mim, no seu quarto na Central Square. Quando me beijou, cheirava à Europa. A bolsa dele terminou e ele regressou a Barcelona. Eu entrei num programa de mestrado na Pensilvânia e escrevemos cartas de amor um ao outro até eu começar a namorar com o tipo engraçado do *workshop* que escrevia histórias sombrias de duas páginas que se passavam nas cidades industriais de New Hampshire. Depois de acabarmos, mudei-me para Albuquerque por uns tempos, depois fui para a Bend, no Oregon, com Caleb e o seu namorado, Phil. Uma carta de Paco encontrou-me lá, e retomámos a nossa correspondência. Juntamente com a quinta carta dele, vinha um bilhete só de ida para Barcelona.

Vou espreitando na secção de Grego Antigo. É a próxima língua que quero aprender. Ao virar da esquina, no Italiano, a outra única cliente está sentada no chão, de pernas cruzadas, com um menino, e está a ler-lhe *Cuore*. A voz dela é grave e bonita. Comecei a falar um bocadinho de italiano em Barcelona, com a minha amiga Giulia. Chego à extensa parede de Literatura Francesa, que está dividida por editoras: filas de *Gallimards* vermelhos sobre marfim, *Éditions de Minuit* brancas sobre azul, *Livres de Poche* de aspeto barato e depois as extravagantes *Pléiades*, separadas na sua própria estante envidraçada, encadernadas em pele

⁴ Universidade de Milton, no Wisconsin. (*N. da T.*)

⁵ Universidade de Rice, uma universidade privada em Houston, Texas. (*N. da T.*)

com impressão dourada: Balzac, Montaigne e Valéry, com as lombadas a brilharem como joias.

Arrumei exemplares de todos estes livros, abri os caixotes, empilhei-os nas prateleiras de metal do armazém das traseiras e trouxe uns poucos de cada vez, por norma a debater o tempo todo com Maria sobre *À la Recherche*, que eu adorava e ela dizia que era tão aborrecido como *Middlemarch*. Tivera de se masturbar dezoito vezes, disse-me, para conseguir ler *Middlemarch* no verão dos seus dezassete anos. Aquele livro fazia-me doer a esfera inferior, disse ela.

Vejo um exemplar de *Sur Racine*, que não tínhamos no dia em que Paco veio à procura dele. Tive de o encomendar de propósito para ele. Toco no pedacinho de cola no topo da lombada. Nunca choro por causa de Paco. Aqueles dois anos que passei com ele estão arrumados. Fomos do francês a uma espécie de híbrido de catalão e castelhano que ele me ensinou, e pergunto-me se isso será parte da razão por que não tenho saudades dele, que tudo o que dissemos um ao outro tenha sido em línguas que estou a começar a esquecer. Talvez a excitação da relação fossem as línguas, que tudo se tornasse mais intenso para mim por causa delas, mais como um desafio, enquanto eu tentava manter nele a crença de que eu tinha facilidade com línguas, capacidade de absorver, imitar, transformar. Era um truque que ninguém esperava de um americano, a combinação de bom ouvido, boa memória e compreensão das regras de gramática, de modo que eu parecesse mais prodigiosa do que realmente era. Cada conversa era uma oportunidade de me superar, de brincar, de me divertir e de o surpreender. E, no entanto, agora não me recordo do que dissemos um ao outro. As conversas em línguas estrangeiras não ficam guardadas na minha memória da mesma maneira que as conversas em inglês. Não perduram. Fazem-me lembrar a caneta de tinta invisível que a minha mãe me enviou no Natal quando eu tinha quinze anos e ela se tinha ido embora, uma ironia que lhe escapou a ela, mas não a mim. Saio antes que Gabriel me reconheça ou que um dos seus empregados saia de trás do balcão e me imponha a sua ajuda.

Eu não queria voltar para Massachusetts. Só que não tinha mais nenhum plano. Não gosto que me façam lembrar daqueles dias em Chauncy a escrever histórias à janela do meu dormitório no terceiro

andar, a beber café turco em Argel, a dançar no Plough and Stars⁶. A vida era leve e barata, e quando não era barata eu usava um cartão de crédito. Os meus empréstimos foram vendidos uma e outra vez⁷, e eu pagava os mínimos e não pensava na dívida crescente. Nessa altura, a minha mãe já tinha regressado a Phoenix e comprava-me os voos para a ir visitar duas vezes por ano. Durante o resto do tempo, falávamos ao telefone, às vezes durante horas. Fazíamos xixi, pintávamos as unhas, fazíamos comida e lavávamos os dentes. Eu sabia sempre em que parte da sua casinha pequena é que ela estava graças aos barulhos de fundo, o arrastar de um cabide ou o tilintar de um copo a ser posto na máquina de lavar loiça. Eu falava-lhe das pessoas da livraria e ela falava-me das pessoas do seu emprego, no palácio do governo de Phoenix — nessa altura, ela trabalhava para o governador. Eu fazia-a voltar a contar-me algumas das suas histórias de Santiago de Cuba, onde ela crescera com os seus pais americanos expatriados. O pai era médico e a mãe cantava num clube noturno. De vez em quando, ela perguntava-me se eu já tinha tratado da roupa ou mudado os lençóis e eu mandava-a parar de ser tão maternal, não fazia parte da natureza dela, e ríamo-nos porque era verdade e eu já a tinha perdoado por isso. Recordo esses dias e sinto-me gananciosa, todo aquele tempo, amor e vida pela frente, sem abelhas no meu corpo e com a minha mãe do outro lado da linha.

Na rua, o calor acumula-se mesmo por cima dos capôs dos carros estacionados, fazendo os edifícios de tijolo parecer ondulados. Os passeios estão agora cheios, cheios de forasteiros que se arrastam com os seus crepes e *lattes* gelados, os seus filhos a beberem batidos e Mountain Dews. Eu ando na rua de maneira a evitá-los, atravesso para a Dunster e volto a subir para o Iris.

Subo as escadas, passo pelos presidentes e vou diretamente para a casa de banho, apesar de já ter vestido a farda. A casa de banho está vazia. Vejo-me ao espelho por cima do lavatório. Está inclinado para fora da parede para as pessoas em cadeiras de rodas, de modo que estou num ângulo pouco familiar para mim. Tenho um ar abatido, como alguém que adoeceu e envelheceu uma década em poucos meses. Olho

⁶ Bar e sala de espetáculos em Cambridge, Massachusetts. (*N. da T.*)

⁷ Refere-se a uma espécie de segunda hipoteca sobre os empréstimos estudantis. (*N. da T.*)

para os meus olhos, mas não são realmente meus, não são os olhos que eu tinha. São os olhos de alguém muito cansado e muito triste e, quando os vejo, sinto-me ainda mais triste e depois vejo essa tristeza, essa compaixão, pela tristeza nos meus olhos, e vejo a água a subir neles. Sou, ao mesmo tempo, a pessoa triste e a pessoa que quer confortar a pessoa triste. E depois sinto-me triste por aquela pessoa que tem tanta compaixão, porque ela claramente também passou pelo mesmo. E o ciclo continua a repetir-se. É como quando entramos num camarim com um espelho de três painéis e os alinhamos na perfeição para vermos o longo corredor estreito de nós próprios a diminuir até ao infinito. É assim que me sinto, como se estivesse triste por um número infinito de eus.

Salpico a cara e dou-lhe umas palmadinhas com toalhas de papel do dispensador para o caso de alguém entrar, mas, assim que a seco, ela enrugase de novo. Volto a apanhar o cabelo num carrapito apertado e saio da casa de banho. Já estou atrasada quando entro na sala de jantar. A Irmã Retorcida está de novo em ação.

Dana olha para mim.

— Terraço. Velas.

O terraço, a seguir ao bar e para lá das portas francesas, é húmido e cheira a rosas, lírios e às capuchinhas⁸ apimentadas que os chefes usam para guarnecer os pratos. Todos os vasos de flores estão a pingar água suja e as tábuas do chão à volta das bordas estão encharcadas. Cheira ao jardim da minha mãe numa manhã chuvosa de verão. Helene, a chefe pasteleira, deve ter acabado de regar. Este oásis no terraço é criação dela.

Mary Hand está no canto mais afastado com um tabuleiro de velas de chá, um jarro de água e um caixote do lixo, a tirar a cera velha da noite anterior com uma faca.

— Os três e quatro *pence* — diz Mary Hand. Ela tem o seu próprio vernáculo. Serve às mesas no Iris há mais tempo do que qualquer outra pessoa. Sento-me ao seu lado. Pego no pano que está no tabuleiro e limpo o interior dos suportes de vidro que ela esvaziou, deito umas gotas de água em cada um deles e coloco uma vela nova.

⁸ Flor comestível. (*N. da T.*)

É difícil saber que idade tem Mary Hand. É mais velha do que eu, mas três ou vinte anos? Tem cabelo castanho liso, sem qualquer câ, que puxa para trás com um elástico bege, um rosto comprido e um pescoço atarracado. Toda ela é comprida e esguia, mais potro do que cavalo de batalha. É a melhor empregada de mesa com quem já trabalhei, calma, mas rápida e eficiente. Conhece as mesas tão bem como conhece a dela. Salva-nos quando nos esquecemos de flambeiar as entradas para as mesas de seis ou quando deixamos o saca-rolhas em casa. No auge da noite, quando toda a gente começa a perder o controlo, quando os pratos foram deixados tanto tempo debaixo da lâmpada de aquecimento que ficaram tão quentes que nem com um pano se conseguem transportar, os *sous-chefs* nos chamam nomes e os clientes estão à espera dos seus aperitivos, das suas contas, de mais água, do seu molho extra, Mary Hand fala devagar e arrastada.

«Simples como pão com manteiga», poderia ela dizer, carregando cada uma das entradas nos seus longos braços sem hesitação.

— Vamos lá, pequeno homúnculo. — Mary Hand olha para a vela de chá gasta. Nunca ninguém lhe chama apenas Mary. Roda a faca e esta sai com um estalido satisfatório e com um jato de cera líquida que nos atinge a ambas, e rimo-nos.

O terraço é agradável assim, sem clientes, o sol por detrás dos bordos altos a iluminar as mesas, mas sem muito calor, erguido bem acima do caos quente e barulhento da Massachusetts Ave., as plantas de Helene, centenas delas, em caixas ao longo das baixas paredes de pedra, em vasos no chão e penduradas em treliças, todas a florir, as folhas verde-escuras e saudáveis. As plantas parecem todas satisfeitas, a prosperar, e isso faz-nos sentir o mesmo, ou pelo menos a prosperidade é uma hipótese.

A minha mãe tinha jeito para plantas. Quero contar isto a Mary Hand, mas ainda não falei da minha mãe no restaurante. Não quero ser a rapariga cuja mãe acabou de morrer. Já é suficientemente mau ser a rapariga que acabou de ser abandonada. Fiz a asneira de contar a Dana sobre Luke no meu primeiro turno à experiência.

— É assim todos os anos, tão fecundo?

— Mmmm hmmm — confirma Mary Hand. Consigo ver que ela gosta da palavra «fecundo». Achei que gostaria. — Ela tem um dom.

— Pronuncia a palavra como «doum», muito lentamente. — Um *doum* para a flora.

— Estás aqui há quantos anos?

— Mais ou menos desde a administração Truman⁹.

É reservada no que toca aos pormenores da sua vida. Ninguém sabe onde vive ou com quem. É só uma questão de quantos gatos, diz Harry. Mas não sei. A história que se conta é que ela costumava sair com David Byrne¹⁰. Alguns dizem que foi no liceu em Baltimore; outros dizem que foi na RISD¹¹. Toda a gente diz que ele lhe partiu o coração, que ela nunca recuperou. Se os Talking Heads começarem a dar quando a música estiver a tocar antes ou depois do serviço, quem estiver mais perto da aparelhagem no bar mudará rapidamente de estação.

— Como é que conseguiste este emprego? — pergunta ela. — Não és a típica contratação de Marcus.

— O que queres dizer com isso?

— És mais como nós, da velha guarda. — Refere-se a pessoas contratadas pelo gerente anterior. — Cerebral.

— Não tenho assim tanta certeza.

— Bem, sabes o que quer dizer cerebral, por exemplo.

Tony vem ao terraço para nos dar a distribuição das mesas. Só há uma mesa grande cá fora, um grupo de dez pessoas para um aniversário. Mary Hand e eu juntamos duas mesas, cobrimo-las com várias toa-lhas, alinhando as pontas dos cantos da camada superior com a bainha reta da inferior. Fazemos o mesmo com as restantes mesas mais pequenas, depois pomos-las, abrilhantando os talheres e polindo os copos com pequenos panos à medida que avançamos. Colocamos uma vela em cada mesa e tiramos do armário as flores que arranjei para o almoço. O chefe chama-nos a todos à zona de serviço, onde nos diz quais são as especialidades, explicando cada preparação e cada ingrediente. Os chefes com quem trabalhei antes eram muito tensos e voláteis, mas Thomas é calmo e gentil. Nunca deixa que as coisas na sua cozinha fiquem fora de controlo. Não tem mau feitio nem uma boca vil. Não odeia as mulheres, nem mesmo as empregadas de mesa. Se eu cometer

⁹ Presidente em funções entre 1945 e 1953. (*N. da T.*)

¹⁰ Músico, compositor e produtor musical que fundou os Talking Heads em 1974. (*N. da T.*)

¹¹ Rhode Island School of Design, uma faculdade de artes plásticas. (*N. da T.*)

um erro, até numa noite movimentada, só acena com a cabeça, pega no prato e devolve-me o que preciso. E também é bom. Estamos sempre a tentar deitar a mão a um *carpaccio* extra ou a vieiras grelhadas ou à bolonhesa. As prateleiras altas do balcão de atendimento ficam cheias de comida, empurrada para o fundo, onde Marcus não consegue ver, e isto é engolido sub-repticiamente durante a noite. Tenho de comer no restaurante — não tenho dinheiro para mais do que cereais ou massa na mercearia —, mas mesmo que não estivesse falida, comeria esta comida às escondidas.

Meia hora depois, todos os lugares da minha secção estão ocupados. Eu e Mary Hand entramos no ritmo. As portas francesas que dão para o terraço têm de se manter fechadas, porque o ar condicionado está ligado na sala de jantar e, quando as nossas refeições ficam prontas, seguramos a porta uma à outra. Ela leva as minhas bebidas a uma das minhas mesas de quatro, e eu levo salmões à sua mesa de dois enquanto ela abre garrafas de champanhe para a desordeira mesa de dez.

Gosto de passar da cozinha quente para a sala de jantar fresca e para o terraço húmido. Gosto que Craig esteja a trabalhar no bar porque, independentemente do número de pedidos que tenha, ele vai sempre às mesas para falar sobre os vinhos. E gosto das distrações sem sentido, de não haver espaço para nos lembrarmos de nada da nossa vida, exceto que o *osso bucco* vai para o homem de laço, o pudim de lavanda para a aniversariante de cor-de-rosa e os *sidecars*¹² para o casal de estudantes com os cartões de cidadão falsos. Gosto de memorizar os pedidos — não vai anotar?, dizem os senhores mais velhos —, de os introduzir no computador na zona de serviço, de recolher a minha comida na janela, de injuriar os idiotas, de servir à esquerda, de limpar à direita. Dana e Tony estão demasiado ocupados com as suas mesas grandes para insultar alguém e, depois de eu levar as saladas de Dana enquanto ela está a receber um pedido, ela guarnece os meus *vongoles*¹³.

Tenho uma mesa do Equador e falo com eles em espanhol. Ouvem o meu sotaque e obrigam-me a dizer algumas frases em catalão. A sensação dessa língua na minha boca traz-me de volta Paco, as partes

¹² *Cocktail* feito com *brandy*, sumo de limão e licor de laranja. (*N. da T.*)

¹³ Refere-se a *Spaghetti alle vongole*, ou seja, esparguete com amêijoas. (*N. da T.*)

boas, a forma como toda a sua cara se encolhia quando se ria e como me deixava adormecer nas suas costas. Digo-lhes que um dos nossos lavadores de loiça é de Guayaquil e eles querem conhecê-lo. Chamo Alejandro e ele acaba por se sentar e fumar com eles, falando de política e sorrindo loucamente, e eu tenho um vislumbre de quem ele é quando não está envolto em spray, vapor e desperdício de comida. Mas as coisas acumulam-se na cozinha e Marcus sai disparado para o terraço e manda-o de volta para o seu posto.

O único conflito surge no segundo turno, quando Fabiana prepara uma mesa de dois que deveria ser de Dana na minha secção.

— Ela acabou de ficar com a de cinco — diz Dana. — Que caraças!

Fabiana percorre todo o caminho à volta da zona de serviço, um local que evita devido ao caos e à possibilidade de manchas. Usa vestidos de seda e é a única mulher que pode ter o cabelo solto. É limpa, toma banho e nunca cheira a molho de salada.

— Eles pediram-na a ela, Dana. Ficas com a mesa de sete das oito e meia.

— Aporra dos *professores* da Wellesley¹⁴? Oh, obrigada. Provavelmente vou conseguir uma nota de cinco com água gelada e a salada que eles dividem por três.

Inclino-me para as estantes altas para espreitar através das portas para o terraço. Uma mulher alta e um homem careca.

— Podes ficar com eles. Nem sequer sei quem são.

Marcus dirige-se a nós vindo do bar.

— Porque é que ainda aqui estão? — Fabiana estala os dedos à minha frente para o deixar contente. — Vai lá para fora, Casey.

Penso que eles começaram a dormir juntos.

Saio para o terraço.

— Casey! — Levantam-se os dois e dão-me abraços apertados. — Não nos reconheceste — diz a mulher. O homem olha com benevolência, corado e melancólico, já com alguns *cocktails* bebidos. Ela é grande, as mamas inclinadas como a proa de um barco, uma corrente de ouro curta com uma turquesa à volta do pescoço. Parece algo que a minha mãe usaria.

¹⁴ Wellesley College, em Massachusetts. (*N. da T.*)

— Peço desculpa.

A mesa atrás de nós precisa da conta.

— Trabalhávamos no gabinete do Doug. Com a tua mãe.

Foi o primeiro trabalho dela depois de ter deixado o meu pai, no gabinete de um congressista. Os Doyles. É quem eles são. Liz e Pat. Na altura ainda não eram casados.

— Foi ela que nos fez o arranjinho, sabes? Disse ao Pat que eu queria que ele me convidasse para sair. E a mim disse-me que ele ia fazê-lo, muito embora ele nunca tenha dito tal coisa. Que ousada! E cá estamos. — Ela pega-me na mão. — Lamentamos muito, Casey. Ficámos devastados quando soubemos. Simplesmente devastados. Se não estivéssemos em Vero teríamos ido ao funeral.

Aceno. Se tivesse sido avisada, talvez tivesse conseguido reagir melhor, mas isto foi um ataque-surpresa. Aceno de novo.

— Queríamos escrever-te, mas não fazíamos ideia de onde andarias. E depois esbarrámos no Ezra, que tinha ouvido dizer que estavas de volta aqui e no Iris. — Ela pousa a mão quente no meu braço. — Aborreci-te.

Abano a cabeça, mas o meu rosto trai-me e as minhas sobrancelhas encarquilham-se.

— Ela deu-me este colar.

Claro que deu.

— Desculpe — diz o homem atrás dela, sacudindo o cartão de crédito.

Aceno-lhe a ele e a toda a gente que tenta parar-me quando volto para a zona de serviço.

Desenrolo um individual do cesto do almoço e enfio a cara num guardanapo enquanto imprimo a conta.

— Controla-te, sim? — diz Dana, mas põe a conta num tabuleiro com chocolates e leva-o à minha mesa no meu lugar.

Atravesso as portas basculantes para a cozinha. Os cozinheiros estão ocupados, de costas viradas para mim e para a comida que está à minha espera debaixo das lâmpadas de aquecimento. Entro no armazém. Fico no frio seco, a olhar para as prateleiras dos lacticínios lá atrás, os tijolos de manteiga embrulhados em papel de cera e os pacotes de

natas. Caixas de ovos. Respiro. Olho para a minha mão. Caleb deixou-me ficar com o anel dela. Vi-a usá-lo toda a minha vida, uma safira e dois pequenos diamantes. Chamávamos-lhe «O céu e as estrelas» quando eu era pequena. Janet, a amiga dela, lembrou-se de lho tirar do dedo depois. A minha mão parece-se com a dela quando o uso. Eu consigo fazer isto, digo para o olho azul-escuro que brilha. E saio para atender o pedido de Liz e Pat Doyle. Quando levo os seus *pinot grigios* e os seus aperitivos, ainda estão carrancudos comigo, mas quando o peixe-espada e o risoto saem, Pat já está a falar animadamente, usando palavras que não entendo, como ações e o *Shiller PE*¹⁵, e quando chega o café já se estão a rir de alguém chamado Marvin que fez um alarido no casamento da filha deles e quase se esqueceram que me conhecem. No entanto, deixam-me os seus cartões de visita no tabuleiro, juntamente com o recibo e a gorjeta em dinheiro. Dezasseis por cento. Cada um tem um negócio. Já nenhum deles trabalha na política.

Mesa por mesa, as pessoas desaparecem, deixando para trás os guardanapos sujos e as marcas de batom. As toalhas de mesa estão enxovalhadas e com migalhas, as garrafas de vinho viradas ao contrário nos frapês já cheios de água, um mar de copos, chávenas de café e pratos de sobremesa manchados. Tudo deixado para outra pessoa limpar. Agora trabalhamos lentamente, arrumando a sala e o terraço. Só Yasmin e Omar, que têm acompanhantes à sua espera no bar, continuam a trabalhar depressa.

A última coisa é secar os copos e preparar mais talheres para o almoço. Alejandro traz os tabuleiros cheios de copos a fumegar. Ao início, estão tão quentes que é impossível agarrar neles sem um pano. Omar e eu enrolamos os talheres: guardanapo dobrado em triângulo, colher em cima do garfo em cima da faca que está colocada ao longo da borda maior, duas pontas dobradas para dentro e depois tudo enrolado até à outra ponta. Craig ri-se com a companhia magrinha de Omar, no bar, por isso Omar enrola os talheres cada vez mais depressa. Temos de ter cem preparados antes de podermos ir embora.

¹⁵ Rácio que permite que os investidores avaliem se o mercado de ações está subvalorizado ou sobrevalorizado. Quanto mais alto o rácio, mais sobrevalorizado está o mercado. (*N. da T.*)

Quando chego à minha bicicleta, é quase uma da manhã. O meu corpo está exausto. Os quase cinco quilómetros até ao meu barracão de olaria parecem demasiado longe.

A escuridão, o calor, as poucas pessoas juntas nos passeios. O rio e o reflexo trémulo da lua. Sabes à lua, disse Luke naquele campo, em Berkshires. Poeta de merda. No caminho, algumas pessoas estão de mãos dadas, a beber de garrafas, deitadas na relva porque não conseguem ver todo o cocó verde de ganso. Ele apanhou-me desprevenida. Não tive tempo para me defender. De manhã, o que me custa é a minha mãe. Mas à noite é por Luke que choro.

A BU Bridge está vazia, silenciosa. Subo-a e passo por cima da água. Sinto um aperto, um engasgar na minha respiração, mas não choro. Canto *Psycho Killer* em honra de Mary Hand. Chego à entrada da casa de Adam e não chorei. Foi a primeira vez. Levo a bicicleta para a garagem. Isto é uma pequena vitória. Foram enfiados dois avisos de contas em atraso e um convite de casamento debaixo da minha porta. O atendedor de chamadas pisca com uma mensagem. O meu sangue corre. Reflexo antigo. Não é ele. Não é ele, digo a mim própria, mas o meu coração bate na mesma. Carrego no *play*.

— Ei. — Pausa. Um longo suspiro como um trovão, no recetor.
É ele.